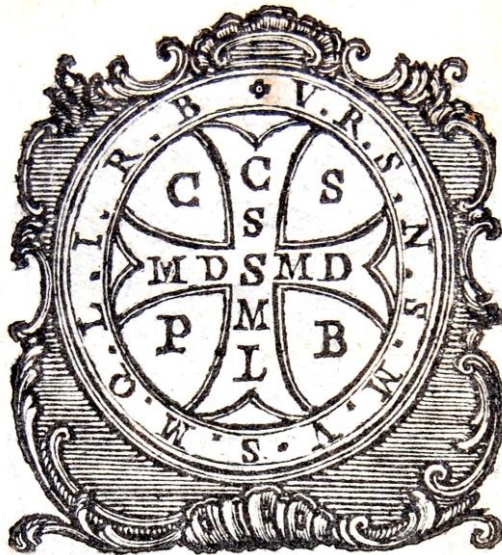


Manuel J. Gandra

MAGIA
na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra



Manuel J. Gandra

MAGIA
na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra

Mafra
2018

Editores: Manuel J. Gandra & Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica-
Cesdies

Maфра

Tel.: 963075514

Email: manuekjgandra@gmail.com

Sites: www.cesdies.net e www.idegeo.pt

Título: MAGIA na Biblioteca do Palácio Nacional de Maфра

Autor: Manuel J. Gandra

Copyright: © Manuel J. Gandra

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada por escrito, do autor, no todo ou em parte, por quaisquer que sejam os meios, constitui violação das leis em vigor.

1ª Edição Luso-Brasileira: Abril de 2018 – 102 exemplares, todos numerados e assinados pelo autor; e-book.- impresso a pedido.

FILOSOFIA HERMÉTICA

Filosofia ou Tradição Hermética, Hermetismo filosófico e Hermetismo são designações consagradas para um corpo de fontes literárias, compendiadas no *Corpus Hermeticum*, expondo doutrinas (de teor eclético e, por vezes, divergente) oriundas do Egito (Menfis, Sais, Hermopolis e Tebas), as quais fizeram a sua aparição apenas cerca do ano 237 d. C., numa inscrição votiva encontrada perto de Akhmîm. Tais fontes literárias haviam de ser creditadas a *Hermes Trismegisto*, ou três vezes grande, pelos neoplatónicos, por as suporem reveladas pelo deus *Thoth*.

O ensinamento hermético não é, apesar de tudo, exclusivo credor da veneranda religião egípcia, apesar de invariavelmente reportado a *Thoth* e não obstante alguns escritos versando a astrologia, a magia e a alquimia, remontando ao séc. III a. C., tenham sido aproximados por A. J. Festugière de uma espécie de hermetismo popular (*ciências ocultas*)¹.

Para os egípcios, *Thoth* era um deus versátil, primitivamente adorado como deidade lunar, cujas funções eram apresentadas em conformidade. Assim, tal como a lua é iluminada pelo sol, também *Thoth* derivava a sua autoridade da circunstância de ser escriba do deus solar *Re*. Ulteriormente, tornar-se-ia deus do tempo e da mudança sazonal, da ordem cósmica e do ritmo quotidiano. Foi-lhe atribuída a invenção dos hieróglifos e do conhecimento esotérico e, nessa qualidade, apodado de “o misterioso” e “o desconhecido”. Em virtude dos seus poderes mágicos seria apontado como médico e guia das almas (*psicopompa*) no seu trânsito para o além. Mercê da sua associação à lua, à medicina e ao mundo subterrâneo, os neoplatónicos haviam de assimilá-lo a *Hermes*, mensageiro dos deuses e intérprete da vontade divina, creditado com os talentos e o

¹ Cf. J. P. Mahé's *Hermès en haute-Egypte* (1978-82). No seu *Egyptian and Hermetic Doctrine* (1984) o egiptólogo Erik Iversen aponta inúmeros paralelismos negligenciados entre os textos herméticos e a literatura mítico-cosmológica egípcia arcaica, o que, de resto, já fora sugerido por Jâmblico no *De mysteriis Aegyptiorum* (VIII.4). Presume o autor que os conceitos egípcios terão sido traduzidos, adoptando uma terminologia filosófica grega por alguém familiarizado com essa linguagem.

engenho de *Thoth*, investindo-o como *Hermes Trismegistus*, deus, rei, sacerdote e profeta, alegado contemporâneo de Moisés.

Tal imagem perdurou durante toda a *Antiguidade Tardia*: Tertuliano (c. 160- c. 220) apelida Hermes, respeitosamente, de “magister omnium physicorum”, enquanto Jâmblico (c. 275- c. 330) descreve no *De Mysteriis Aegyptiorum* uma forma de filosofia que denomina “a via de Hermes”, reputando o filósofo egípcio como autor de inúmeros livros, repositório das suas revelações, as quais são expostas em tratados breves, sob a forma de diálogo, protagonizados pelo deus iniciador e por um discípulo que acede à iniciação por via de uma dispensação epifânica.

Em plena Idade Média, Hermes Trismegisto seria apresentado no *Testamentum*, atribuído a Lúlio, como “Philosophorum et Alchymistarum pater”, i. e., pai dos filósofos e dos alquimistas, os quais, por seu turno, se autodenominavam *filii Hermetis* (filhos de Hermes) e denominavam a disciplina que professavam *Magisterium Hermetis*.

Em setecentos, o termo hermetismo tornar-se-ia, por contaminação, sinónimo de *esoterismo*, extensão semântica que, contudo, não convém reduzir ou confundir, como contemporaneamente, amiúde, se usa, com o *ocultismo*, intrinsecamente distinto, apenas urdido nos cenáculos da *Aufklärung* e só sistematizado nas formas correntes e baptizado durante o século XIX.

Hodiernamente, o substantivo *esoterismo* assume diferentes acepções e sentidos de que se destacam os seguintes:

1. é adoptado para nomear de forma vaga e “impressionista” todo o género de registos relativos ao paranormal ou a distintas tradições de sagesa antiga (ocidental ou oriental), bem como aos sincretismos Nova Era (*New Age*);

2. remete, algumas vezes, para a noção de segredo (“disciplina do arcano”) ou para a distinção entre iniciados e não-iniciados;

3. é empregue para designar uma filosofia peculiar, a da *Escola Tradicionalista* (*perenialista*) ², que se funda na “unidade

² Fundada por René Guénon (1886-1951), autor de cerca de duas dezenas de obras publicadas nos anos posteriores à 1ª Grande Guerra. A primeira organização *Tradicionalista* surgiu antes da 2ª Grande Guerra, congregando em torno de René Guénon um núcleo de pensadores da estirpe do barão italiano Julius Evola (1896-1974) e

transcendente” de todas as religiões e tradições, acepção sinónima de gnose (modo de conhecimento mais experiencial que racional).

Em suma, face ao estado actual do conhecimento acerca da difusão, categorias, ideias-chave e práticas do hermetismo é conveniente considerá-lo sob três modalidades particulares e nem sempre consonantes, ou unânimes, a saber:

- o hermetismo filosófico;
- o hermetismo ocultista;
- o hermetismo postmodernista ou *New Age* ³.

do erudito romeno Mircea Eliade (1907-1986). Em 1948-1950, um dos mais destacados membros do grupo, o sufi suíço Frithjof Schuon (1907-1998), em virtude de um desentendimento com Guénon, protagonizou uma cisão. A sua Ordem sufi manteve-se oclusa durante a 2ª metade do século XX, o que não obstou ao crescimento da respectiva influência, sob a direcção do iraniano Seyyed Hossein Nasr (1933-). Desde a década de 1960, é crescente o interesse pelo *Tradicionalismo*, designadamente na Rússia pós-soviética, onde pontifica Alexander Dugin (1962-).

³ No âmbito deste trabalho prescindirei do terceiro termo, pela simples razão de estar ausente do objecto em análise, a BPNM.

HERMETISMO FILOSÓFICO

(gnose e iniciação)

Outros as [letras] atribuem a Moisés, outros a Mercúrio Egípcio [i. e., Hermes Trismegisto].

DUARTE NUNES DE LIÃO

(*Origem da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1606, cap. 4)

"[...] Hermes em um livro que chamam *logostileos* [aliás, o *Asclepius*, atribuído ao neoplatónico Apuleu de Madaura (séc. III)] diz assim deus fazedor de todos os deuses fez um segundo deus e porque ele fez este deus primeiro e só e verbo foi visto a ele bom comprido de todos bens bemaventurado é e amou-o muito assim como um seu filho gerado de boa vontade o nome do qual não pode ser recontado por boca humanal."

OVÍDIO DA VELHA

(citado no *Livro da Corte Enperial*)

É impossível situar claramente as origens geográficas do hermetismo filosófico, no entanto, de Alexandria a Roma, passando pelo Norte de África e Hispânia, as suas doutrinas não conheceram fronteiras.

Hesitando entre as soluções dos estóicos e as concepções *acroamáticas* da Academia platónica, o hermetismo filosófico confundir-se-ia, em certos momentos, com a história da gnose dualista, em cujos escritos são adoptadas fórmulas apontando à regeneração do homem e da natureza, expostas no *Poimandro* e noutros tratados do *Corpus Hermeticum*.

Colocando a ênfase no cultivo da intuição, tal Filosofia foi posta ao serviço de um modo de vida religioso. Com efeito, os tratados herméticos surgiram no seio de "comunidades herméticas", em resultado de um ensinamento oral, no decurso do qual certas fórmulas didácticas, comentadas à luz de concepções gregas, egípcias e judaicas, resultaram numa cosmovisão sincrética inovadora.

Não se revela fácil caracterizar o *Corpus Hermeticum*. Os seus tratados tratam das relações entre Deus, o cosmos e o homem, com relevância para os seguintes temas centrais: a origem divina do homem, a sua queda na matéria e o seu eventual regresso ao contacto

com o Pai, mediante o trânsito pelas esferas (CH I); o conhecimento do cosmos que conduz ao conhecimento de Deus (CH III); o *nous*, ou visão intuitiva que desvela a coerência entre as diferentes coisas, enquanto dom e mercê divina (CH IV); Deus, apesar da sua invisibilidade, é susceptível de ser conhecido pelas suas obras (CH V); ignorância como o maior dos males (CH VII); a morte entendida como uma mera transição, ou mudança (*metabolê*) (CH VIII); a aceitação da unidade que subjaz a tudo como condição para o conhecimento de Deus (CH XI); a necessidade do renascimento (CH XIII); o auto-conhecimento e a ascese como via de acesso ao conhecimento de Deus (CH I); a matéria enquanto obstáculo à reintegração na fonte divina (CH I).

Com efeito, não é unívoco o teor dos *Tratados Herméticos* e do *Asclepius*, porquanto contêm evidentes elementos gnósticos e hebraicos (discussões sobre a alma, um paralelismo com o *Genesis*, o *Nous* correspondendo ao tão característico *pneuma* dos gnósticos, etc.), além de contributos egípcios, inspirados em hinos religiosos.

Apesar de tudo, o hermetismo distinguir-se-á das doutrinas gnósticas pela sua escatologia optimista e, designadamente, pela recusa de considerar o Demiurgo a origem do Mal. De resto, o próprio hermetismo tentará escapar das posições dualistas, cerrando fileiras com Porfírio, Jâmblico, Heraiskos, Damascius e outros discípulos de Plotino.

Face ao cristianismo, o hermetismo constituirá um dos derradeiros bastiões do paganismo, graças à crença na astrologia e nas simpatias que ligam as coisas entre si e as coisas aos seres, bem como à relativa indiferença quanto à salvação. Todavia, ideias como a de um Deus único, da beleza do mundo e da bondade essencial do homem, da ascese e da oração como meios para a descoberta e união com Deus, aproximá-los-ão, originando conversões como as de Arnóbio e Firmino Materno, por exemplo.

Por uma questão de método e pragmatismo, Antoine Faivre sugere que se chame hermetista ao pensador - seja ou não cristão - que valorize (quer em bloco quer separadamente) a analogia (linguagem simbólica), a teosofia (emanação, androginato e reintegração) e a Igreja interior (liberta de quaisquer constrangimentos confessionais).

Um tal pensador, preocupando-se mais com o *quid sit Deus* (a essência do Divino) do que com o *an sit Deus* (a existência de Deus), insere-se num corpo de doutrina que contempla uma cosmogonia, uma

cosmologia e uma escatologia, as quais pretende elucidar, ora por via da sua própria reflexão, ora pela da iluminação interior. A busca individual ou iniciação resultante, pressupondo uma inevitável regeneração depende, todavia, mais de uma gnose do que de uma Igreja. Aliás, a busca de uma verdade para além dos dogmas oficiais, que caracteriza o hermetismo, e a sua insistência no tema da destruição próxima da Igreja material, profetizando frequentemente o Reino vindouro da Igreja invisível, tornou-o, compreensivelmente, suspeito de heresia.

Com efeito, as igrejas cristãs dominantes invariavelmente assumiram uma posição de negação da vigência de um esoterismo no seio mesmo do cristianismo primitivo, motivo por que trataram com certa desconfiança os escritos de Padres tão celebrados quanto Orígenes e Clemente dito de Alexandria, justamente o centro onde, na confluência das culturas egípcia, judaica e helenística, se originou e desenvolveu o hermetismo cristão, como bem demonstrou Isaac Casaubon ⁴, em pleno séc. XVII. De resto, a descoberta, em 1945, de textos herméticos na Biblioteca gnóstica de *Nag Hammadi*, viria corroborá-lo.

De forma geral, considera-se o Pseudo-Zóximo de Panópolis o testemunho mais significativo do hermetismo durante o séc. III, não obstante a sua atitude eclética na origem de uma profunda transformação doutrinal. À medida que se assiste à dissolução do hermetismo filosófico, o cristianismo assimilar-lhe-á a espiritualidade, colocando Hermes entre os seus profetas e precursores, a ombrear com os Magos e as Sibilas, aliás, motivo por que o seu prestígio perdurou.

Entre os Padres da Igreja encontram-se referências a *Hermes Trismegisto* e ao *Asclepius* em Lactâncio ⁵, Santo Agostinho ⁶ e Clemente de Alexandria ⁷.

⁴ Isaac Casaubon, *De Rebus Sacris et Ecclesiasticis Exercitationes XVI*, Londres, 1614. Trata-se da derradeira obra do autor, comentário à primeira parte do v. 1 dos *Annales Ecclesiastici* (1588) de César Barônio. Ao datar o surgimento dos textos herméticos, alimentou as diatribes de Mersenne e Gassendi (*Epistolica Exercitatio, in qua Principia Philosophiae Robert Fluddi Medici retiguntur*, Paris, 1630) contra Robert Fludd. Ver Frances Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, Londres, 1964, cap. 21.

⁵ *Instit. Divinas*, I, 6; IV, 6, 9; VIII, 18, etc. O texto grego que intitula *Logos teleios* perdeu-se.

⁶ *Cidade de Deus*, 410-426: VIII, 23-26; XVIII, 39.

⁷ *Stromata*, VI, 4, 35-38.

Estobeu não terá tido acesso ao *Corpus Hermeticum* sob a forma como actualmente o conhecemos ⁸. O primeiro a referir-se-lhe foi Miguel Psellus (1020-1078), platónico bizantino e preceptor do Imperador Miguel Ducas, o qual utilizaria os escritos herméticos e órficos para explicar a *Sagrada Escritura* ⁹.

No entanto, haviam de ser os muçulmanos quem, tendo recolhido o legado do hermetismo (por via de escritos gregos, das respectivas versões síriacas, da tratadística astrológica sânscrita introduzida por Kanasa em Bagdad, no séc. VIII, e dos sabeus de Harrân), impulsionou a efectiva circulação da sua literatura no Ocidente.

O primeiro indício do conhecimento do *Corpus Hermeticum* aí, mais concretamente na Península Ibérica, remonta ao séc. X. A *Tabula Smaragdina*, supostamente descoberta no túmulo de Hermes, já então era, e pela primeira vez, usada como colofon de um livro de alquimia, o *Sirr Al-Jaliqa* ou *Kitab Al-'Ilal*, o qual fizera a sua aparição no Al-Andalus durante o califado do omíada Al-Hakam II († 976). Traduzida para latim pelo bispo hispânico Hugo de Santalla, seria difundida além Pirinéus por Alberto Magno, ao incorporá-la no *De Rebus Metallicis et Mineralibus*.

As escolas de tradutores de Toledo e Sevilha terão tido um papel não negligenciável no processo em apreço. O denominado "Renascimento" do séc. XII andou de mão dada com o interesse pelo hermetismo. O *Asclepius* garantiu a continuidade da Tradição hermética antes da descoberta do *Corpus Hermeticum*. Evidenciam-no autores como Teodorico de Chartres, Alberto Magno, Bernardo Silvestre, Alain de Lille, Vicente de Beauvais, Guilherme d'Auvergne, Tomás Bradwardine, Rogério Bacon, Bernardo de Treviso ou Hugo de

⁸ Actualmente, os tratados herméticos são organizados em dois grandes grupos: 1. Os textos práticos ou técnicos sobre Astrologia, Magia e Alquimia, incluindo a Iatromatemática, o *Centiloquium*, a *Tábua de Esmeralda* e o *Tractatus Aureus*; 2. A denominada Hermética Filosófica, cujos textos mais importantes são o *Asclepius* latino, cuja tradução foi durante muito tempo creditada a Apuleius de Madaura (c. 123), o *Corpus Hermeticum*, fragmentos de textos compilados por Estobeu (c. 500), fragmentos de Lactâncio, Cirilo, etc. e os textos gnósticos de *Nag Hammadi*, incluindo os fragmentos coptas do *Asclepius* e as *Definições Herméticas*.

⁹ Miguel Psellus, *De Daemonibus*, in *De Mysteriis Aegyptiorum, Chaldaeorum, Assyriorum* [...], de Jâmblico, Veneza, 1497 [BN: Inc. 989].

São Victor. O mesmo se podendo afirmar da literatura dos ciclos arturiano e do *Evangelho Eterno* joaquimita.

Foi, sem embargo, vago e fragmentário o conhecimento acerca do Hermetismo na Europa, durante a Idade Média.

Alberto Magno conheceria o *Asclepius* (*Liber XXIV philosophum Asclepius* – sobre a natureza de Deus), bem como alguns fragmentos de escritos herméticos, tal como haviam sido transmitidos por Lactâncio e Cirilo.

No *De Voluptate* (cap I), redigido em 1457, Marsílio Ficino (1433-1499) dá mostras de se encontrar familiarizado com *Hermes Trismegisto*, quando cita com admiração, porventura por influência de Lactâncio, o epílogo lírico do *Asclepius* latino.

Todavia, uma vez traduzido para latim (1463-1464) por Ficino e impresso sob o título de *Mercurii Trismegisti Pimander, seu liber de Potestate ac Sapientia Dei*, no ano de 1471 (Treviso) ¹⁰, o manuscrito grego do *Corpus Hermeticum* descoberto na Macedónia, cerca de 1460, por Leonardo de Pistóia e adquirido por Cosme de Médicis ¹¹, tornar-se-ia decisivo para o renovo do interesse pelo hermetismo e pelas doutrinas mágico-astrológicas correlatas, mesmo no seio da Igreja.

Assim se explica que, no ano 1488, Giovanni di Maestro Stephano haja gravado nas lajes da Catedral de Siena a efígie de *Hermes Trismegisto*, ladeado por Moisés e as Sibilas.

De resto, do advento do Renascimento até inícios do século XVIII, as correntes esotéricas ocidentais jamais se afirmaram como contra-cultura ou “contra-tradição” face ao poder religioso instituído, integrando ainda a história geral do cristianismo e veiculando valores da cultura cristã. Só ulteriormente esta havia de ser adversada por filósofos e críticos cripto-católicos, responsáveis pela redução das correntes esotéricas modernas a heresias marginais, ou a superstições mais ou menos condenáveis ¹².

¹⁰ Esta e não a versão revista, impressa no ano seguinte de 1472, tornou-se a referência para a maioria das ulteriores reedições. Tommaso Benci realizou uma tradução italiana a partir da de Ficino no mesmo ano. A tradução espanhola [Escorial: cast. B. IV.29], realizada em 1485 por Diego Guillen permaneceu inédita.

¹¹ O monge Leonardo de Pistóia chegou a Florença, no ano de 1463, com os escritos herméticos, então constituídos por 14 diálogos.

¹² Cf., por exemplo: Ernst Benz, *Les Sources Mystiques de la Philosophie Romantique Allemande*, Paris, 1968, Nathaniel Kaplan e Thomas Katsaros, *The Origins of American Transcendentalism in Philosophy and Myssticism*, New Haven, 1975 e Auguste Viatte, *Les Sources Occultes du Romantisme – 1770-1820*, Paris, 1979, 2 vols.

É infundada a muito generalizada suposição de que a filosofia hermética não teve cultores em Portugal ¹³. De facto, nem a alegada ortodoxia dos nacionais nem a vigilância intensa desenvolvida pelo Santo Officio, lograram impedi-la de medrar. De resto, se a matéria fosse pacífica nunca teria havido a necessidade de a invectivar, por vezes com uma veemência a denotar, invariavelmente, um ponderado conhecimento do tema suscitador da contradita.

Em Portugal o conhecimento dos *Livros Herméticos* revela-se nos quatrocentistas *Ovídio da Velha* ¹⁴, Zurara ¹⁵, *Horologium Fidei* [BVaticano: cod. lat. 1068, fl. 11v] de Frei André do Prado ¹⁶, *Tratado da Virtuosa Benfeitoria* (?) do Infante D. Pedro, bem como no *Tratado de Confissom* (Chaves, 1489), no qual é repetido o elogio do homem como *magnum miraculum*, i. e., como grande maravilha ¹⁷, retomando as palavras do exórdio da *Oratio* de Pico della Mirandola que, ambos, o

¹³ Manuel J. Gandra, *A Filosofia Hermética em Portugal e no acervo da Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra*, in *Boletim Cultural* '93, Mafra, 1994, p. 11-74.

¹⁴ "[...] Hermes em um livro que chamam *logostileos* [aliás, o *Asclepius*, atribuído ao neoplatónico Apuleio de Madaura (séc. III)] diz assim deus fazedor de todos os deuses fez um segundo deus e porque ele fez este deus primeiro e só e verbo foi visto a ele bom comprido de todos bens bemaventurado é e amou-o muito assim como um seu filho gerado de boa vontade o nome do qual não pode ser recontado por boca humanal" (*Ovídio da Velha* citado no *Livro da Corte Enperial*).

¹⁵ *Crónica de Guiné*, cap. LXXIV; *Crónica da Tomada de Ceuta*, cap. XCVI; *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, parte I, cap. I. Joaquim de Carvalho assevera que "Zurara não citou o *Pastor de Hermas*, mas uma comparação comumente atribuída a *Hermes Trismegisto* e que encontrara no *Tratado da Virtuosa Benfeitoria* [liv. VI, cap. XI]". Cf. *Obras Completas*, v. 4, p. 196.

¹⁶ Trata-se de um diálogo entre o franciscano e o Infante D. Henrique (*Dominus Henricus*), sobre providência divina e cristologia. Ms. de 89 fl. de pergaminho, em letra gótica a duas colunas, com iniciais a vermelho, azul e violeta. Augusto Pelzer, *Codices Vaticani Latini*, t. 2, parte 1, cod. 679-1134, Biblioteca Vaticana, 1931, p. 623; Fernando Félix Lopes, *À volta de Frei André do Prado*, in *Colectânea de Estudos*, t. 2 (Braga, 1951), p. 121-132; Mário Martins, *O Diálogo do Infante D. Henrique com Frei André do Prado no Horologium Fidei*, in *Estudos de Cultura Medieval*, v. 1, Lisboa, 1969, p. 135-163; idem, *O Livro que o Infante D. Henrique mandou escrever*, in *Brotéria*, v. 71, n. 2-3 (Lisboa, 1960), p. 195-206. No fl. 11v: "Também o filósofo Hermes afirma, por seu lado, no livro que escreveu de *Deo uno* [...]".

¹⁷ *De Hominis Dignitate*, fl. CIII^{jr}, col. 1, Lisboa, 1973, p. 96-97 e 99-100.

religioso português autor do incunábulo e o humanista itálico, terão bebido numa fonte comum: o *Asclepius* ¹⁸.

Não colhe, por consequência a assunção de Pina Martins, segundo quem não se dispõe de “elementos para poder documentar a existência em Portugal de textos herméticos, anteriores à citação de Frei António de Beja [...]”, em 1525 ¹⁹.



Hermes Trismegisto no Convento de Cristo, em Tomar (c. 1535)

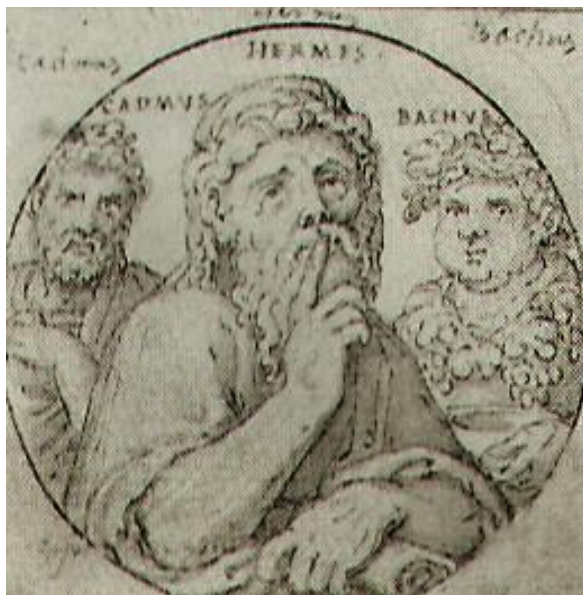
Frei Heitor Pinto cita o Trismegisto reiteradamente (cap. III a VI, XII e XIII) no seu *Comentário a Daniel* (2ª parte, Coimbra, 1572), bem como na *Imagem da Vida Cristã* (*Diálogo dos verdadeiros e*

¹⁸ O magistério de Petrarca ou um passo da *Antígona* de Sófocles (332-333: "Muitos prodígios há; porém nenhum maior do que o homem") poderiam tê-los inspirado também.

¹⁹ Cf. *Frei António de Beja discípulo de Pico della Mirandola*, in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, (1965). Frei António de Beja cita Hermes (*Discurso de Iniciação de Asclépios*, in v. 2) fielmente a partir de Pico na *Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes*, 1525. Cf. Pina Martins, *Pico della Mirandola e o Humanismo Italiano nas Origens do Humanismo Português*, in *Estudos Italianos em Portugal*, n. 23 (1964), p. 25.

falsos bens, cap. 2), cuja dedicatória ao duque de Bragança (que constituía “a sua Vila Viçosa em universal academia, e fazendo dela outra Atenas”) termina com a referência aos três *prisci theologi* da genealogia neoplatónica ficiana, além de *Hermes Trismegisto*: Pitágoras, Orfeu e o divino Platão (I, p. XIII-XIV).

O mesmo acontece com Frei Sebastião Toscano na *Oração fúnebre de Afonso de Albuquerque* (Lisboa, 1566) e na *Mística Theologia* (Lisboa, 1568)²⁰.



Hermes e o Segredo, no *Livro das Idades* (*De Aetatis Mundi Imagines* (fl. 26v / LII / 45) de Francisco de Holanda, inspirado no emblema 62 do *Symbolicarum quaestionum* de Achilles Bocchi

²⁰ Armando de Jesus Marques, *Hermes Trismegisto en dos escritores portugueses del "quinientos"*: Fr. Sebastián Toscano y Fr. Hector Pinto, in *La Ciudad de Dios*, v. 184, n. 2 (1976), p. 283-289. Frei Heitor Pinto cita, ainda, Platão (de quem tece um rasgado elogio), Pitágoras, Santo Alberto Magno, Fílon, Pseudo-Dionísio Areopagita e Pico della Mirandola.

Durante toda a sua vida, Francisco de Holanda fará profissão de fé no neoplatonismo e na cultura hermética. Com efeito, Holanda funde a tradição do hermetismo filosófico (Hermes, Platão e Pseudo-Dionísio Areopagita) com os textos bíblicos, à maneira de Ficino, detectando-se nas suas *Imagines* numerosas analogias com os comentários do humanista itálico. Cita o *Asclepius* no *Da Pintura Antiga* (livro I, cap. XII: *De alguns preceitos da Antiguidade – e primeiro: da Invenção*), apresentando o artista como oficiante e mago, participando do divino e, sobretudo, dotado de dom divino. No *Da Ciência do Desenho* (fl. 37) sustenta o carácter inato do génio do artista, sublinhando o papel paradigmático da *Criação do Mundo* relativamente à criação artística.

É-lhe, ainda, devida a, tanto quanto foi possível apurar, única iconografia portuguesa explícita disponível de Hermes Trismegisto. Ocorre no *De Aetatibus Mundi Imagines*, surgindo associada à cena da *Deposição de Moisés no túmulo pelos Anjos* ²¹. Observa-se num medalhão situado em baixo, à esquerda, ladeado por Cadmus e Baco e colocando um dedo sobre os lábios, tal qual o Hermes Mercúrio do emblema LXII das *Symbolicarum quaestionum, de universo genere, quas serio ludebat, libri quinque* (Bolonha, 1555) de Aquiles Bocchi (1488-1562), bolonhês, amigo dos emblematastas Pierio Valeriano e Lilio Gregorio Giraldi.

D. Francisco Manuel de Melo, por seu turno, citará Mercúrio Trismegisto a partir das leituras de Marsílio Ficino, na carta que remeteu ao Dr. Manuel Temudo da Fonseca, em 1650 ²².

²¹ Fl. 26v / LII / 45. A genealogia neoplatónica da *prisca pictura* holandiana, a bem dizer a sua “família sacerdotal”, assenta em personagens como Hermes Trismegistus, Apeles, Protogenes, etc. Sylvie Deswarte considera Francisco de Holanda precursor no que respeita à representação geométrica da Criação do Mundo, a qual só durante o séc. XVII (Fludd e Boehme) aparecerá em tratados alquímicos e herméticos. *Les «De Aetatibus Mundi Imagines» de Francisco de Holanda*, in *Monuments et Mémoires publiés par l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, t. 70 (1983), p. 67-190.

²² Cf. *Cartas Familiares*, Lisboa, 1981, n. 414, p. 410.

MAGIA

“[...] se não houvesse mal que agoirar de ninguém, escusava também a gente de trazer consigo uma figa, de pregar na porta uma ferradura velha de besta muar e de suspender do tecto um chavelho de carneiro!”

RAMALHO ORTIGÃO

(*As Farpas*, v. 1, 1887, p. 46)

I

São diversas as eventuais definições de Magia.

Na acepção mais comum, reporta-se à assunção de que alguém, mediante práticas rituais (por palavras e actos, objectos, pensamentos, determinadas circunstâncias e locais), é capaz de controlar, dominar e manipular, misteriosamente, pessoas, animais, coisas, forças naturais e sobrenaturais, espíritos, o destino, inclusivamente, submetendo-os ao seu desígnio.

Distingue-se a Magia, portanto, da Religião, porquanto Deus não é manipulável ou dominável, muito embora seja susceptível de se deixar “influenciar” por orações e jaculatórias, circunstância que coloca o indivíduo numa atitude de completa e inequívoca subordinação face à divindade.

Por seu turno, a Magia, pelo menos de um ponto de vista teórico, coloca Deus no âmbito dos poderes do mago, embora as forças que este intenta dominar sejam inferiores à do Criador, mas, algumas vezes, supostamente, muito mais poderosas que ele ²³.

²³ Por exemplo, Martinho del Rio (1551-1608), teólogo, ingressado na Companhia de Jesus, em 1580, crítico da magia ficiana e da cabala de Pico de Mirandola, tenta estabelecer uma distinção entre as práticas mágicas e o ritual cristão, acusado pela propaganda protestante de recorrer a operações ocultas. Considera que os talismãs e amuletos cristãos não dependem do poder mágico de palavras ou figuras gravadas, mas tão-só de Deus. Cf. *Disquisitionum Magicarum libri sex quibus continentur accurata, curiosarum artium, et vanarum superstitionum confutatio* [...], Lovaina, 1599-1600, Lyon, 1604 (2ª ed. latina) e 1612 [BPNM: 2-73-16-5].

A maioria dos magos tem três objectivos principais em mente:

1. Contactar forças superiores, sejam divinas, naturais ou demónicas;
2. Exercitar um poder que transcenda as respectivas capacidades;
3. Utilizar tal poder quer para benefício próprio, quer para benefício de outrem, ou para concretizar um impulso malévolos seu, ou de terceiros.

A generalidade dos autores, incluindo os católicos, admite que a Magia não é um sistema monolítico, apesar de tender para uma visão peculiar da criação e da explicação das relações entre Deus e o universo ²⁴.

É admissível a existência de, pelo menos, duas categorias de Magia: a natural ou espiritual e a demónica, aquela lícita, desde que mantida dentro de certos parâmetros, esta inaceitável e liminarmente condenada, tanto pelo trono quanto pelo altar.

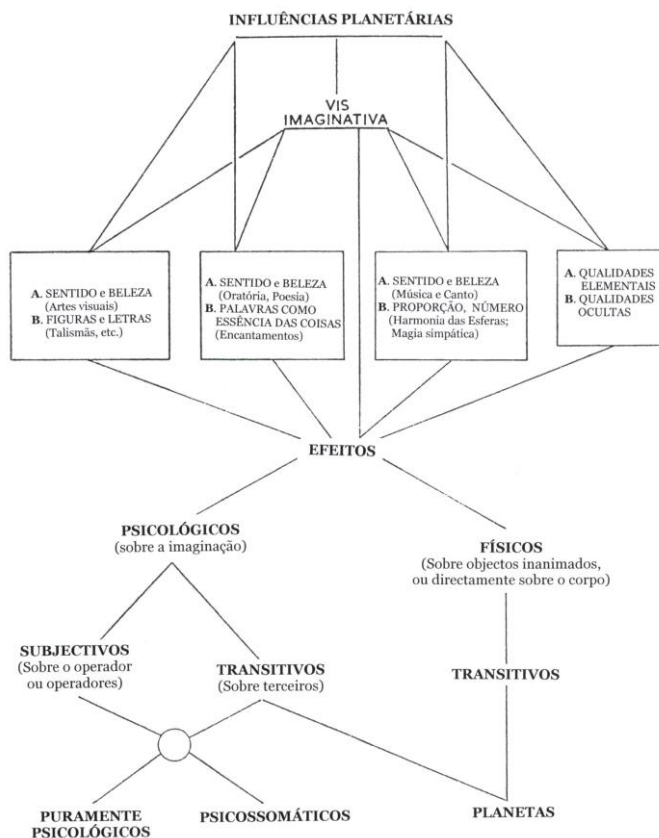
A magia demónica combinada com a magia planetária mediéfica desembocou nos sistemas de Agrippa e Paracelso. Já a magia natural tendeu para se tornar indistinta de outras actividades não essencialmente mágicas, achando-se no limiar da arte, da ciência, da psicologia, ou, nomeadamente, da religião. Com efeito, com frequência, a *magia naturalis* tornou-se equivalente da *philosophia naturalis*, veja-se o caso de Giambattista Porta, entre outros.

As relações entre os principais temas da teoria da Magia podem ser esquematicamente sintetizados no QUADRO 1.

As influências planetárias (no caso da magia natural ou espiritual-teúrgica), ou os anjos e os demónios (no caso de se tratar da magia demónica) podem agir directamente sobre a imaginação do operador ou indirectamente sobre qualquer uma das forças constitutivas do cosmos. Tal acção por parte de qualquer das aludidas forças, sob alguma das respectivas formas ou combinação entre elas, produz determinados efeitos.

²⁴ Os *Actos dos Apóstolos*, VIII, 10-13, falam de magia a propósito de Simão, mago de Samaria.

QUADRO 1



A – Forças universalmente aceites. Não obstante, sejam susceptíveis de utilização mágica, são também a causa de efeitos considerados não mágicos. Serão mágicas quando combinadas com as influências planetárias.

B – Embora nem todas sejam mágicas, nem universalmente tomadas como reais ou autênticas, a forma como são utilizadas é susceptível de torná-las mágicas.

NOTA – Os tipos **A** e **B** das mesmas ou de distintas forças podem surgir conjugadas na mesma operação. Qualquer efeito transitivo produzido apenas pela *Vis Imaginativa* (telepatia, etc.) é obviamente mágico.

A *Vis Imaginativa* é, porém, quase omnipresente no processo, porquanto passa por ser a força axial e essencial, enquanto as restantes são, geralmente, consideradas meras forças auxiliares destinadas a reforçá-la ou aos meios de comunicá-la.

Os efeitos supracitados podem ser detectados quer num ser animado, quer num inanimado (ou directamente no corpo), sendo os planetas, por vezes, considerados seres animados, outras, seres inanimados, produzindo um efeito de ricochete no espírito ou imaginação do operador.

Se o efeito se manifestar num ser animado, pode ser subjectivo (exclusivo do operador) ou transitivo (dirigido a algum outro indivíduo). Em ambos os casos pode assumir forma puramente psicológica, permanecendo no interior da imaginação ou alma do operador ou afectando-lhe o corpo por intermédio da imaginação ²⁵.

São dois os axiomas constitutivos da Magia:

1. *Analogia (Similia similibus = o semelhante atrai o semelhante)*;

2. *Pars pro toto (a parte equivale ao todo)*.

São quatro as operações fundamentais da Magia:

1. *Consagração*: processo mediante o qual é conferido um poder específico a objectos e divindades;

²⁵ Ambos, magos e médicos, concordavam que as doenças podiam ser o resultado de uma causa puramente natural, de uma causa demónica, ou da combinação de ambas, verificando-se que, nesta particular circunstância, a causa natural fora explorada por espíritos malévolos que, exacerbando a situação, provocavam determinado sintoma, o qual teria de ser tratado mediante certos remédios, tal como a causa natural requeria medicamentos especificamente destinados à sua cura. Assim sendo, para enfrentar com êxito um ataque mágico, será necessário conhecer, primeiro, qual a respectiva natureza e os sintomas que produzirá. Feito isso, pode-se recorrer a remédios naturais (medicina) ou eclesiásticos (exorcismo) ou à contra-magia (magia popular) de um mago reconhecidamente apto a lidar com o tipo específico de problemas suscitados, donde a relativa especialização e hierarquização de tais operadores. Ao sustentar que as práticas mágicas diferiam substancialmente das operações teúrgicas descritas na Bíblia, não obstante os idênticos e miraculosos efeitos produzidos por ambas, a igreja não se terá apercebido que estava em vias de transformar o cristianismo numa mera técnica psicológica ateia, afim da magia natural psicológica. Em suma, a colocá-lo perante um dilema insanável, que consistia em decidir se se revia numa religião exclusivamente mágica, ou, pelo contrário, numa religião puramente psicológica, sem Deus.

2. *Execração*: consiste na extracção de forças malévolas ligadas a coisas ou seres, sendo comum a todas as formas de exorcismo, por cuja acção os demónios são expulsos;

3. *Invocação*: reporta-se aos cânticos rituais e aos conjuros por intermédio dos quais é estabelecido contacto e formulado um pedido a um espírito benévolo superior;

4. *Evocação*: convite ou ordem dada a uma criatura para que se manifeste.

II

A fama de feiticeiros e benzedores, contra quem a legislação decretada jamais chegou a mostrar-se eficaz, é uma constante desde a proto-história nacional ²⁶.

Os *Livros de Linhagens* registam os ecos da sua actuação ²⁷.

O caso de S. Frei Gil de Santarém, o Fausto português, também não é despidiando. Sintomaticamente, uma carta régia criava, no ano

²⁶ Cf. S. Martinho de Dume, *Cânones* (59º, 68º, 69º, 71º e 74º), *Instrução dos Rústicos* (in *Bracara Augusta*, v. 34, t. 2, p. 483-561) e *Nocturna Sacrificia Daemonibus* do código visigótico e da Lei Sállica (cf. Visconde de Figanière, *Guesto Ansures*, Lisboa, 1883, p. 311). José Amador de los Rios, *De las artes Mágicas y de adivinación en el suelo ibérico. Su influencia en las costumbres, asi en la antigüidad como en los tiempos modernos*, in *Revista de España*, XVII (1870), p. 5-17 e 379-396; Luís Chaves, *Costumes e tradições vigentes no século VI e na actualidade*, in *Bracara Augusta*, VIII, p. 243-278; Eugénio de Andreia da Cunha e Freitas, *Costumes e tradições do século VI e da actualidade*, *idem*, p. 295-313; António Ambrósio de Pina, *S. Martinho de Dume e a sobrevivência da mitologia sueva*, *ibidem*, v. 9-10, p. 58-66; Manuel J. Gandra, *O Paganismo Triunfante, notícia acerca do fracasso da catequese romana, seguida do Da Instrução dos Rústicos de S. Martinho de Dume*, anotado, Mafra, 2015.

²⁷ Pero ronda seposo (discípulo) do demo, filho de Pero Anes de Vasconcelos e Teresa Gil (LD 9Q7, v. I, p. 135) e Fernão Pires Farinquel "que catou bem os agouros", irmão de João Aboim e de Pedro Ouriques de Nobrega e Maria Viegas (LD 9AU5, *idem*, p. 141). As Crónicas fazem bastas referências ao tema. Rui de Pina, por exemplo, conta que D. Leonor Nunes de Gusmão, manceba de Afonso XI de Castela, que queria fazer morrer na hora do parto tanto a rainha D. Maria, mulher de Afonso XI e filha de Afonso IV de Portugal, como a criança que esta trazia no ventre, buscara uma moura feiticeira, a qual prometera que "enquanto tivesse entre as suas mãos fechadas os feitiços que sabia, como a rainha estivesse de parto, morreria sem poder parir" (*Crónica de D. Afonso IV*, cap. V, Lisboa, 1653). Sobre as superstições consideradas pecados pelos confessores, ver Mário Martins, *O penitencial de Martim Perez em medievo Português*, in *Lusitania Sacra*, t. 2 (1957), p. 57-110.

de 1385, a magistratura alfacinha do "juiz dos casados, barregueiras e feiteiras" ²⁸.

Para a vitória de Aljubarrota fizeram os de Lisboa promessa a Deus de que dali em diante não usariam "de feitiços, nem ligamentos, nem de chamar diabos, nem incantações, nem dobra de vedeira, carantolas, nem sonhos, nem lançar roda, nem sortes, nem outra nenhuma coisa que arte de físico não consinta [...]" ²⁹. No entanto, nem a carta régia, que visava expurgar a idolatria e moralizar os costumes, parece ter sortido o efeito desejado, nem a promessa dos habitantes da capital foi cumprida, porquanto, em 1403 (19 Março), D. João I publicava em Santarém uma lei contra os feiteiros.

As *Ordenações Afonsinas* (1416) cometem ao rei o castigo dos praticantes de feitiçaria, determinando que "não seja nenhum tão ousado, que por buscar ouro ou prata, ou outro haver, lance, varas, nem faça circo, nem veja em espelho ou em outras partes" ³⁰.

O *Regimento da Casa da Suplicação*, redigido entre 1433 e 1446, pune os astrólogos e os feiteiros com pena de morte ³¹.

De entre as superstições repertoriadas nas *Ordenações Manuelinas* (1514) e alvo de disposições condenatórias (açoites públicos, marcação com ferro quente e degredo para a ilha de São Tomé, além do pagamento de 3000 reais para os acusadores) podem citar-se, a título exemplificativo, os costume de utilizar amuletos (anéis, letras de virtude, cartas de tocar, cabeças de saladores encastoadas em ouro ou prata, etc.), de adivinhar por sortes, varas, cristal, espelho, espada, espádua de carneiro, figuras ou imagens de metal, cabeça de homem morto ou animal, barão de enforcado e feitiçaria para ligar, bem-querer ou mal-querer, de invocar espíritos em círculo ou fora dele e em encruzilhada, de praticar abusões, de passar doentes por silvão, machieiro ou lameira virgem, de benzer com espada que tenha atravessado o Douro e o Minho três vezes, etc.

Tais práticas mágicas surgiam por vezes associadas à posse interdita (e punida com açoites públicos e multa de 2000 reais) de

²⁸ Cf. E. Freire de Oliveira, *Elementos para a história do Município de Lisboa*, v. 1, p. 273-276.

²⁹ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, cap. 41.

³⁰ Cf. livro 5º, título 42º. Esta legislação pune com a pena de morte todo o feiteiro que cause a morte de alguém.

³¹ Cf. Martim de Albuquerque, *O Regimento quatrocentista da Casa da Suplicação (texto latino acompanhado de tradução portuguesa pelo Dr. Miguel Pinto de Meneses)*, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. 15 (1980), p. 44-49.

mandrágoras (*ginseng* oriental, *jabora* hebraica, *panax quinque folium* de Lineu), "com intenção que tendo-as por elas hão-de haver graças com Senhores, ou ganharão nas coisas em que tratarem" ³². A título de exemplo, o mestre de pedraria e imaginário Nicolau Chanterene havia de ser denunciado à Inquisição, em 1538, por possuir uma "mendracola que seria tamanha como um palmo pouco mais ou menos e era figura de macho com cabelos na barba e em todas as outras partes que os homens têm e lhe dizia que depois que a tivera que percalcava [sic] quanto queria com ela e que custava muito dinheiro e quem tinha macho e fêmea era grande coisa e a tinha muito guardada metida em uma caixa [...]" ³³.

D. João III, numa das suas instruções enviadas a Brás Neto (1531), parece considerar a bruxaria e a feitiçaria como um delito menor, porquanto determina "que possam os inquisidores inquirir e proceder contra quaisquer sortílegos, feiticeiros, adivinhadores, encantadores e blasfemadores, posto que os tais delitos e crimes não toquem a heresia, os possam condenar nas penas que por direito lhe parecer que deviam ser condenados e tenham nestes casos poderes que lhe forem dados contra os herejes" ³⁴.

Por seu turno, D. Diogo da Silva, 1º inquisidor-geral, ensaia no monitório que expediu a 18 de Novembro de 1536 uma definição para a magia considerada ilícita pelo Santo Ofício, concedendo um prazo de trinta dias para a denúncia dos seus praticantes: "se sabeis, vistes ou ouvistes, que algumas pessoas, ou pessoa fizeram, ou fazem certas invocações aos diabos, andando como bruxas de noite em companhia do demónio como os maléficos, feiticeiros, maléficas, feiticeiras acostumam de fazer, e fazem encomendando-se a Belzebut, e a Satanás e a Barrabás, e arrenegando a nossa santa Lei Católica, oferecendo ao diabo a alma ou algum membro, ou membros do seu corpo e crendo em ele, e adorando-o, e chamando-o para que lhes

³² *Ordenações Manuelinas*, t. III, livro V, § XXXIII.

³³ *Livro 1º das Denúncias da Inquisição de Lisboa*, anos 1537 a 1543, fl. 57v e 58r. Cf. António Baião, *As Denúncias da Inquisição de Lisboa*, in *Arquivo Histórico Português*, v. 4 (1908), p. 81 e Vergílio Correia, *O Imaginário Nicolau Chanterene na Inquisição*, in *Estudos de História de Arte*, v. 3, Coimbra, 1953, p. 115-129. Sobre o comércio de mandrágora ver Inq. Lisboa: proc. 4728, fl. 21v e 108r.

³⁴ *Collectorio de diversas letras apostolicas provisões reaes e outros papeis em que se contem a instituição e primeiro progresso do Sancto Officio em Portugal e varios privilegios que os Summos Pontífices e Reys destes Reynos lhe concederão*, Lisboa, 1596. Cf. *Corpo Diplomático Português*, t. 2, Lisboa, 1865.

diga coisas, que estão por vir cujo saber a só deus todo-poderoso pertence. Idem se algumas pessoas, ou pessoa tem livros e escrituras para fazer os ditos cercos, e invocações dos diabos, como dito é, ou outros alguns livros, ou livro reprovado pela santa Madre Igreja".

Já Frei Bartolomeu dos Mártires garante que pecam contra o 1º Mandamento "todos os que têm companhia e comércio com o demónio ou o chamam e usam de seu poderio", nomeando como tais os feiticeiros (as), benzedeiros (as), adivinhadores (as), agoureiros (as) e lançadores de sortes ³⁵.

O livro V das *Ordenações Filipinas* (1595) reproduz as *Manuelinas*, com a diferença de relacionar explicitamente o roubo de pedra de Ara ou corporais com a prática da feitiçaria, circunstância anteriormente registada nas *Constituições do Arcebispado de Lisboa* (1537) que referem os "que usam do corpo de Deus ou do crisma ou de outra coisa sagrada em feitiços".

As *Artes diabris*, Gil Vicente assim as apelida, não poderiam estar ausentes dos processos da Inquisição portuguesa onde se acham indicações precisas sobre a literatura mágica ilícita mais divulgada em Portugal ³⁶, Brasil e demais colónias africanas. nem tão pouco dos *Índices Expurgatórios* ³⁷, certamente devido à extraordinária voga de que gozavam ³⁸.

O termo da vigência do derradeiro destes *Índices Expurgatórios*, no ano de 1768, coincidiu com a criação da *Real Mesa Censória* pelo Marquês de Pombal, doravante indigitada para a realização da mesma tarefa e cujos Editais reprovavam sistematicamente o "Probabilismo, [...]. a Blasfémia, o Sacrilégio, a Magia, a Astrologia Judiciária, a Irreligião, a Idolatria, [...]" ³⁹, etc.

As acusações de idolatria, apostasia e heresia, haviam de suceder-se e alimentar perseguições contra calomagos (adeptos da

³⁵ Cf. *Cathecismo ou Doutrina Christã e Practicas Espirituaes*, Braga, 1564..

³⁶ Charles Boxer produz a afirmação polémica de que, comparativamente com a Inquisição espanhola, as práticas mágicas foram tratadas com maior brandura pelo Santo Ofício português. Cf. *A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)*, Lisboa, 1981, p. 107.

³⁷ Rol de obras interditas pela Igreja católica, com vista à salvaguarda da ortodoxia romana, no contexto do combate ao reformismo protestante. A primeira lista do género foi conhecida em Portugal no ano de 1547.

³⁸ I. S. Révah, *La Censure Inquisitoriale Portugaise au XVIe siècle*, Lisboa, 1960, p. 60.

³⁹ Edital datado de Lisboa, de 12 de Dezembro de 1771.

teúrgia ou magia branca) e cacomagos (adeptos da goécia ou magia negra) indiscriminadamente, bem como diatribes sem conta ⁴⁰.

Sinal dos tempos, Pascoal José de Melo Freire († 1798), o qual asseverava que "não há nem houve em tempo algum, esta arte a que chamam Mágica", na justificação do seu projecto do *Código Criminal* ⁴¹, entendia que "o verdadeiro era desprezar e ridicularizar semelhantes delitos", pelo que substituiu o nome e a legislação contra os feiticeiros, pelo *título VIII. Dos impostores*, especificando: "por este nome entendemos aqui os chamados mágicos, feiticeiros, sortilégos, malílicos, encantadores, benzilhões, adivinhões, e outros embusteiros, que com certas imprecações, palavras, cerimónias ou remédios, costumam iludir e enganar o vulgo ignorante".

Enfim, toda a legislação vigente relativa a feiticeiros promulgada, pelo *Alvará* de 29 Janeiro 1643, havia de manter-se em vigor até à publicação do *Código Penal* de 1852 (10 Dezembro) ⁴², o qual, inspirado no articulado da *Carta Constitucional* de 1826, deixaria, em definitivo, de sancionar a perseguição por motivos religiosos, desde que respeitada e não ofendida a moral pública ⁴³.

⁴⁰ Rafael Bluteau classifica como inventos do Demónio todas as ciências vãs e curiosas do futuro, tais a Astrologia Judiciária, a Aruspicina, Quiromância, Piromância, Geomância, a consulta de Oráculos e a Arte Mágica, bem como "mil outros meios ilícitos para saber". Cf. *Vocabulário Portuguez e Latino*, v. 3, Lisboa, 1816, p. 56.

⁴¹ *Provas* ao título VIII, p. 266.

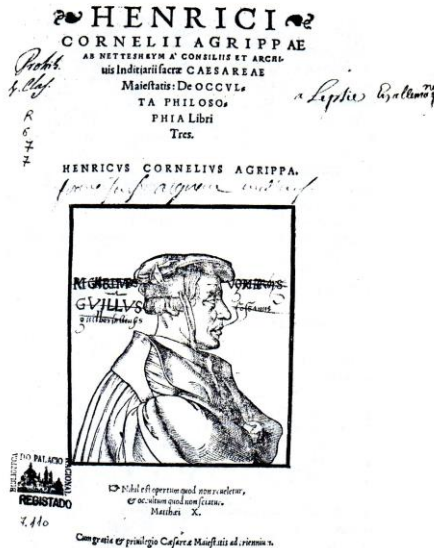
⁴² I. S. Révah, *La Censure Inquisitoriale Portugaise au XVIIe siècle*, Lisboa, 1960, p. 60.

⁴³ Cf. *Dos Crimes contra a Religião do Reino*.

MAGIA

Agrippa, Henrique Cornélio (1486-1535)

Em 22 de Julho de 1499 matriculou-se na Universidade de Colónia onde estudou Direito, Medicina Teologia, sob o magistério de Pedro de Ravena. Serviu, entre outros, no exército do Imperador Maximiliano. Discípulo de Tritémio, em Spanheim, nos anos de 1509-1510. Combina a magia natural de Ficino com a cabalista de Pico. della Mirandula, posteriormente desenvolvida por Reuchlin e demais cabalistas renascentistas. A enciclopédia contra todas as ciências e artes (incluindo as disciplinas herméticas), intitulada *De Incertitudine et Vanitate omnium Scientiarum et artium liber* (1530), reimpressa diversas vezes (1643, 1653, etc.) apesar da condenação dos teólogos de Paris e constante dos *Índices Expurgatórios*, foi reiteradamente usada por Jorge Ferreira de Vasconcelos na *Comédia Eufrosina*.



2-51-13-1

**De Occulta Philosophia libri tres*, s.l., s.d. [1535] [BPNM: 2-51-13-1 (= Proibido)]

Redigida em 1510, mas impressa apenas em 1531 (Antuérpia). A edição existente na BPNM é a primeira a incluir os três livros. Consta do *Memorial* espanhol de 1547 (ou anterior) mas não vem incluído no Index da Sorbonne (1544). Não deixará de polarizar as atenções e a censura [ANTT: Inq. Évora, proc. 8922, fl. 10v (Marcos Rodrigues); Inq. Lisboa, proc. 3780 (Cristóvão Francisco), 13184 (D. Agustin)], tendo suscitado, em 1580, a crítica detalhada de Fr. Bartolomeu Ferreira [ANTT: Inq. Lisboa, proc. 3700, fl. 3r-7r]. Expõe a sua visão hermetista do universo em três livros, sendo o 1º dedicado ao Mundo Elemental, manipulado pela Magia Natural; o 2º à Magia Astral, envolvendo matemática; o 3º à Magia Angélica ou contacto com inteligências divinas, com o objectivo de desvendar os arcanos universais. Eugénio Asensio detectou uma "inquietante intimidade" de Jorge Ferreira de Vasconcelos com este escrito que quase transcreve, a propósito das propriedades do número cinco, na *Comédia Eufrosina* (Prólogo, Madrid, 1951, p. LXXV-LXXVII). Citada in *Ennoea*. De acordo com Guilherme Bro, réu francês da Inquisição, dois dominicanos (um oriundo de Salamanca, outro de Ciudad Rodrigo) chegaram a Mesão Frio, cerca de 1550, com a "Filosofia de Cornélio Agrippa" (Isaías da Rosa Pereira, *Um francês do Languedoque na Inquisição de Lisboa: Guilherme Bro, clérigo de Missa – 1553-1555*, in *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses - 1977*, v. 1, Lisboa, 1978, p. 436).

**La Philosophie Occulte, divisée en trois livres*, Haia, 1727, 2 vols. [BPNM: 2-51-4-3 / 4 (= Proibido)]

Consulte *Arte da Memória*

Alberto Magno (c. 1207-1280)

Natural de Lavingen, na Suábia. De origem nobre (Conde de Bollstadt), fez-se dominicano durante a permanência em Pádua (1223), tendo adquirido rapidamente fama e o título de *Doctor Universalis*. A partir de 1228, torna-se professor nas Universidades de Friburgo, Ratisbona, Estrasburgo e Colónia. Ensina Teologia em Paris entre 1243-1244 e em Colónia entre 1248-1254. Eleito provincial da sua Ordem na Saxónia, foi Bispo de Ratisbona (1260-1262), tendo sido beatificado por Urbano VIII (1622), canonizado por Pio IX e declarado Doutor da Igreja, em 1933. Conta-se que terá ensinado o segredo da pedra filosofal a S. Tomás de Aquino, o qual quebrou uma cabeça mágica construída pelo mestre, porque falaria demais. São-lhe atribuídos diversos tratados alquímicos, entre os quais o *Libellus de Alchimia*. Em Portugal, venerou-se na capela da Piedade (colateral do lado Epístola) do Mosteiro da Batalha, ainda aí se encontrando uma imagem de madeira no ano de 1823. É iconografado com o hábito dominicano ou já como Bispo e Doutor, redigindo a sua obra sob inspiração do Paracleto (representado com o "Espírito Santo

de orelha”, como na Basílica de Mafra). Padroeiro, desde 1941, dos estudantes de ciências naturais e nessa qualidade comemorado no dia 15 de Novembro.

**Opera quae hactenus haberi potuerunt*, Lyon, Claude Oprost, 1651, 21 vols. [BPNM: 1-51-8-11/13; 1-51-8-15; 1-51-9-13]

Bibliografia

THORNDIKE, L., *Further consideration of the Experimenta, Speculum astronomiae and De secretis mulierum ascribed to Albertus Magnus*, in *Speculum*, v. 30 (1955), p. 423-427

Anónimo

**Explicação do que significão os Caracteres das Cruzes, e Letras de S. Zacharias, vertidas no nosso idioma Portuguez, as quaes andão escritas nas Medidas, de que agora novamente usa a devoção dos Fieis contra o grande Mal da Péste*, Lisboa, 1756 [BPNM: BVol. 2-25-8-24 (11º)];

Anónimo

**Preservativo Espiritual, Remedio util, e conveniente para pessoas vexadas; singular, e experimentado para se conhecerem feitiços, vexações, e malefícios de qualquer sorte feitos a grandes, e pequenos. Contra o Mal de Peste, Rayos, Torvões, Tempestades, e Fogo*, Lisboa, 1746 [BPNM: BVol. 2-15-3-33]

Anónimo

**Verba Sanctissima adversus aëris tempestates*, Lisboa, s.d. [BPNM: BVol. 1-29-4-11 (29º)]

Cesar Aevolius

**De Causis Antipathiae et Sympathiae rerum Naturalium*, Veneza, 1580 [BPNM: BVol. 2-40-2-29 (1º)]

Fludd, Robert

Consulte *Rosa-Cruz e Teosofia*

Gesner, Conrado

**Bibliotheca Universalis*, Tiguri, 1545 [BPNM: 2-51-15-1 (= Proibido)]
Inclui o *De Spectris et apparitionibus umbrarum seu de veteri superstitione liber unus*, constante do Index de 1551. Citado in *Ennoea*.

Porta, Giambattista della (1535-1615)

Discípulo de Agrippa. Fundador da *Academia Secretorum Naturae* (também conhecida por *Academia dei Oziosi*), em Roma. Designado membro da *Academia dei Lincei* no ano de 1610.

**Magia Naturalis, sive de miraculis rerum naturalium*, Nápoles, 1558 [BPNM: 2-37-2-1; BSRoque: BA, cod. 7393 (*Catalogus Authorum qui sunt in D. Rochi Bibliotheca*, fl. 235r)]

Os quatro livros que compõem esta edição deram lugar, na redacção definitiva (1589), a vinte: **I.** De mirabilium rerum causis; **II.** De variis animalibus gignendis; **III.** De novis plantis producendis; **IV.** De augenda supellectili; **V.** De metallorum transmutatione; **VI.** De gemmarum adulteriis; **VII.** De miraculis magnetis; **VIII.** De portentosis medelis; **IX.** De mulierum cosmetice; **X.** De extrahendis rerum essentiis; **XI.** De myropoeia; **XII.** De incendiariis ignibus; **XIII.** De raris ferri temperaturis; **XIV.** De miro conviviorum apparatu; **XV.** De capiendis manuferis; **XVI.** De invisilibus literarum notis; **XVII.** De catoptricis imaginibus; **XVIII.** De staticis experimentis; **XIX.** De pneumaticis; **XX.** Chaos. Os processos descritos na 1ª impressão assemelham-se ainda aos *Segredos* da tradição medieval, caracterizando-se pela busca do maravilhoso. Define magia como a "parte prática da ciência natural" (os fenómenos mágicos derivam dos naturais), aproximando-se de Pico e Ficino na identificação do mago com o sapiente. A fortuna da 1ª redacção (seis impressões) acompanhará a 2ª (vinte e sete edições em latim e línguas vulgares), fazendo dela uma das obras mais populares de seiscentos, apesar do frio acolhimento contemporâneo (excepção feita a Kepler). Traduções: francesa (*La Magie Naturelle qui est les Secrets et Miracles de Nature en quatre livres*, Ruão, 1620, 1631, 1699, 1912) e inglesa (*Natural Magic in Twenty Books*, Londres, 1658).

Tomás da Santíssima Trindade

**Escudo carmelitano ou o Sagrado Escapulário do Carmo [...]*, Porto, 1747 [BPNM: 2-15-10-1]

Trithemius, Johannes (1461-1516)

Também conhecido por Johannes von Heidelberg. Teólogo beneditino, Abade de Spanheim e, posteriormente, de S. Jacob, em Wurtzburgo. Mestre de Agrippa e amigo de Paracelso, investigou manuscritos herméticos, tendo escrito obras sobre a linguagem cifrada. Interessou-se vivamente pela angelogia, nomeadamente pelos nomes das entidades angélicas e pelas formas de as evocar. Sobre os aspectos mágico-herméticos e cabalísticos da obra de Tritémio, ver W. Shumaker, *Renaissance Curiosa*, Nova Iorque, 1982, p. 91-131.

**Polygraphia libri sex*, Constantiensis, Joannis Haselberg, 1518 [BPNM: 2-39-6-24] e Colónia, Joannem Birckmannum, 1571 [BPNM: 2-51-3-12 (= Proibido)]

POLYGRA-
PHIAE LIBRI SEX, IO-
ANNIS TRITHEMII, ABBATIS
PEAPOLITANI, QVONDAM SPAN-
heimensis, ad Maximilianum I.
Cæsarem.

Accessit clavis Polygraphiæ li-
ber vnus, eodem authore.

*Continetur autem in libro ratio, qua potest alter al-
teri quacunque voluerit, non solum occulte, verum etiam
interdum citra suspensionem significare. Ostendunt &
Methodum tam in docendo quam discendo vtilissimam.
Præterea facultatem profundissima quaque artium ac
disciplinarum mysteria intelligendi.*

ADDITAE SVNT ETIAM ALIQVOT
locorum explicationes, eorum præsertim in quibus admi-
randi operis Steganographiæ principia latent, quæ quidem
ingeniosis occasionem præbent, longè maiora & subti-
liora inueniendi. Per virum eruditissimum D.

Adolphum à Glanburg, Patricium
Francofortensem.

COLONIAE,

Apud Ioannem Birckmannum, &
Theodorum Baumium.

1571.



2-51-3-12

**Annalium Hirsaugiensium opus nunquam hactenus editum, et ab eruditissimis
semper desideratum [...]*, S. Gall, 1690, 2 vols. [BPNM: 1-41-2-6/7]

Wolff, Jacob

**Curiosus Amuletorum Scrutator*, Frankfurt e Lipsia, 1692
[BPNM: 2-31-4-13]

MAGIA REVERSA

Abreu, Brás Luís de (1692-1756)

Descendente de médicos e mercadores cristãos-novos. Em virtude de haver perdido uma vista em criança foi alcunhado o *Olho de Vidro*, título da biografia romanceada de Camilo que se inspira na sua figura. Formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra, em 1717. No ano seguinte casar-se-ia com D. Josefa Mourão de Sá. A união seria dissolvida ao fim de 14 anos, alegadamente por os conjuges serem irmãos, tendo, ambos, professado, ele e os três filhos o hábito franciscano, ela e as cinco filhas no Recolhimento de São Bernardino. Brás Luís de Abreu foi Familiar do Santo Ofício, achando-se os seus restos mortais depositados na capela-mor da igreja do Recolhimento de São Bernardino, em Aveiro.

**Portugal medico ou Monarchia Medico-Lusitana: Historica, Practica, Symbolica, Ethica e Politica. Fundada, e comprehendida no dillatado ambito dos dohes Mundos Creados macrocosmo, e microcosmo [...] Ampliada, e subdividida em outras tres famosas regions, animal, vital e natural em que se expoem curiosissimos Systemas Ethico-Policos e nelles varios Hieroglyphicos, Historias, Emblemas, Moraldades, Proverbios, Ritos, Observaçoes, Physiognomias, Epithetos, Signaturas e outras muytas acçoens [...]* (Coimbra, 1726 [BPNM: 1-18-11-7 e 8 = 2 exemplares; BN: SA 4578 A]). Nesta obra ocupa-se dos médicos fisiognómicos (p. 317), meteorológicos, astrológicos, mágicos, bem como da actividade dos pseudo-médicos, isto é, os medicastros, agirtas, impostores, empíricos, mezinheiros (boticários fabricantes de mezinhas de segredo, p. 115-116), barbitonsores e circumforaneos. Além disso, estabelece a distinção entre os benzedores que curam por graça de Deus (também chamados *Mestres*, p. 621-622) e os que o fazem por meios diabólicos, indicando as características dos segundos, segundo os teólogos. Insurge-se contra os boticários fabricantes de mezinhas de segredo (médicos mezinheiros: p. 115-116). Considera que apenas devem ser reconhecidos como legítimos médicos: o Físico que sabe “definir com atenção a natureza das coisas”; o médico Astrólogo, que pode observar “o nascimento, o aspecto e o influxo dos Astros”, o médico Prognosticante, “por serem os prognósticos racionais os mais recônditos arcanos da minha faculdade”; o médico Pulsísico, porque só ele “toma o pulso à essência das queixas, o peso à substância dos males”; aquele médico que tenha conhecimentos de Geometria e Aritmética “por ser mais preciso para o juízo das queixas a disposição dos números e para uso das anatomias a ordem e o fito dos membros”; e, enfim, os médicos Modernos, “chamados vulgarmente

Espagíricos”, porque, apesar de certos defeitos, podem enriquecer “as oficinas de remédios selectos e adiantarão a Farmácia com novas operações Químicas”. Trata ainda da fascinação (p. 624s.), entre muitos outros temas de teor mágico-hermético. Sumaria-se, doravante, capítulo a capítulo, a obra em apreço, na qual cada um dos animais referidos corresponde a determinado tipo de médico: 1. Reino animal – Homem: hieróglifo da Medicina; reflexão simbólica – Homem médico; Região animal – cabeça: ponderam-se vários Prodígios e Hieróglifos da cabeça que os antigos observaram; 2. Reino animal – Elefante: hieróglifo da prudência; reflexão simbólica – Médico prudente; Região animal – cabeça: descobre-se a Significação de várias cabeças que os antigos insculpiram nas suas Moedas e Medalhas; 3. Reino animal – Leão: hieróglifo da vitória; reflexão simbólica – Médico laureado; Região animal – cabeça: lembram-se vários Sacrificios e Histórias da cabeça; 4. Reino animal – Veado: hieróglifo da fisiognomia; reflexão simbólica – Médico fisiognómico; Região animal – cabeça: mostram-se singulares Emblemas e ajustadas Moralidades sobre a cabeça; 5. Reino animal – Touro: hieróglifo da meteorologia; reflexão simbólica – Médico meteorológico; Região animal – cabeça: declaram-se esquisitos Provérbios e Epítetos da cabeça; 6. Reino animal – Lince: hieróglifo da astrologia; reflexão simbólica – Médico astrológico; Região animal – cabeça: descobrem-se algumas Signaturas e Fisiognomias da cabeça; 7. Reino animal – Lobo: hieróglifo da magia; reflexão simbólica – Médico mágico; Região animal – cabeça: ponderam-se vários Sacrificios e Histórias antigas sobre os cabelos; 8. Reino animal – Asno: hieróglifo da ignorância; reflexão simbólica – Médico ignorante; Região animal – cabeça: descobrem-se vários Prodígios e Epítetos sobre os cabelos; 9. Reino animal – Cão: hieróglifo da modéstia; reflexão simbólica – Médico modesto; Região animal – cabeça: ponderam-se algumas observações Morais e Místicas sobre os cabelos. Define astrologia como a ciência que “trata da natureza, movimentos, estações e influxos dos astros, como tem Aristóteles”, a qual pode dividir-se em Natural (lícita, louvável e recomendável) e conjectória, judiciária ou genética (“inventada pelo Demónio, que ensina a adivinhar e a predizer os futuros, atribuindo aos Céus e aos Astros força e virtude para necessitar as acções dos sublunares”), fazendo questão de esclarecer (p. 560): “Contudo esta Ciência da Astrologia Judiciária, ou Genetliaca, sobre ser falsa, e mentirosa, é proibida, escandalosa, ímpia, proscrita, e incoerente com a verdade da Religião Cristã; como unânime consenso afirmam, e religiosamente defendem Santo Tomás, Orígenes, Eusébio, Caetano, Francisco Pico, Bento Pereira, Baclengero, Bonnacina, Sanchez, Azor, Suarez, e outros muitos Padres. Porque os Futuros Contingentes, que por força desta diabólica Arte presumem alcançar, e distinguir os Genetliacos no luzido Mapa dos Astros, só pendem da sábia Providência, e altíssima Predestinação de Deus, da qual, como ensina o Apóstolo, não podem os homens ter conhecimento algum [...]. E se só Deus conhece o que está por vir como pode o caduco pó do homem usurpar para si,

o que só é proeminência de Deus? [...]. Nem os textos, e lugares da Sagrada Página, que os Genetlíacos apontam em seu favor, têm lugar algum, no sentido em que os pretendem tomar; porque oferecendo, e expondo a Escritura Sagrada à Astrologia Natural, os Astros, e os Céus, para que ela, ou os homens por ela os contemplem como luzidas criaturas de Deus; os ímpios judiciários os pretendem torcer em forma, que por força deles querem entender, que os mesmos Astros sejam causas necessárias das operações dos sublunares, usurpando a Deus a causalidade, e Providência, que tem a respeito das criaturas, e denegando ao homem livre arbítrio da sua vontade; [...]”.

Bibliografia

PINA, Luís de, *Temperamentos e Compleições: velhas e novas doutrinas populares e científicas*, in *Revista de Enografia*, v. 4, t. 2, n. 8 (Abr. 1965), p. 245-257

Anónimo

**Invectiva critica contra as Bruchas, Siganas e Benzedeiros na qual se mostra a ignorância do vulgo*, Lisboa, 1763 [BPNM: Bib. Volante, 2-25-8-24 (21º)]

Aretinus, Angelus (aliás, Gambiglione d' Arezzo)

Jurisconsulto italiano, acusado de diversos crimes, mas salvo da pena capital pelos seus pares. Autor do *De Maleficiis. Repertorium primi voluminis Maleficio* (Lyon, 1526, 2 vols. [BPNM: *Tractatus de Maleficiis cum additionibus optimi practici D. Augustini Bonfrancisci Ariminensis ac D. Hieronymi Cuchalon Hispani novissimè superadditis* (Colónia, 1599) [BPNM: 2-42-10-11].), cuja edição príncipe remonta a 1472; esta impressão inclui, além de um tratado de Ângelo Aretino, outros de Alberti de Gandino e de Bonifacio de Vitellinis de Mantua, ocupando-se da especificação de certas práticas ocultas interditas e dos castigos aplicados aos culpados, bem como da tortura e da definição das penas reservadas pelo Santo Ofício aos diferentes tipos de acusados do crime de feitiçaria. Outras edições: Lyon, 1532, 2 vols.; Veneza, 1558, 2 vols. (o tratado de Aretino é precedido de uma biografia por Thomas Diplobatacius e acompanhado pelos comentários de Augustino Ariminensis, Girolamo Chucalon e Bernardino de Landriano, seguindo-se-lhes os tratados de Alberti de Gandino, Bonifacio de Vitellinis, Paolo Grillandus, Baldo de Periglis e Jacobo de Arena.

Bodin, Jean (1530-1596)

Filósofo e político que alcançou enorme reputação como jurista e catedrático. A sua extraordinária influência em Portugal foi estudada por Martim de Albuquerque. Cf. *Jean Bodin na Península Ibérica: ensaio de história das Ideias políticas e de direito público*, Paris, 1978.

**De la Demonomanie des Sorciers*, Paris, 1578 [BPNM: 2-51-7-1] (= Proibido por decreto de 1/9/1504) Primeira edição francesa. A impressão de Paris (1587, a única integral), foi realizada na sequência de um édito papal contra o hermetismo. *Reedições*: Paris (1582 e 1598), Antuérpia (1586 e 1593), Francfurt (1603, em latim), Ruão (1604), etc. Redigido com o objectivo de auxiliar os juízes nos processos de feitiçaria. O autor crê firmemente no valor do pacto com o demónio, nas virtudes ocultas dos números e na influência dos astros, reclamando a intensificação dos esforços destinados a exterminar os feiticeiros. A obra é composta por quatro livros: o primeiro é consagrado à definição dos feiticeiros e ao comércio que os espíritos podem manter com os humanos; o segundo trata dos numerosos malefícios provocados pelos feiticeiros; no terceiro expõe as formas de impedir a actuação dos malefícios; no quarto propõe tipos de punição, preconizando a tortura como o meio mais adequado para obter confissões. A obra conclui com um ataque contra Johann Wier, médico acusado por Bodin de ser aliado de Agrippa na difusão de práticas diabólicas (nomeadamente no *De Praestigiis Daemonum, et Incantationibus, de veneticis libri sex*, 1566). Bodin acabaria por ser acusado de mago.



2-77-8-15

Boissard, Jean-Jacques

**Tractatus posthumus de divinatione et magicis praestigiis*, Oppenheim, s. d. [cerca 1615] [BPNM: 2-77-8-15] Denuncia a impostura e vaidade dos

magos, ocupando-se da licantropia, dos incubos e súcubos, e apresentando um longo relato sobre os oráculos da antiguidade e dos profetas, com um retrato de cada um deles, gravado por Johann Théodore de Bry (num total de cinquenta);

**Theatrum vitae humanae ab ipso conscriptum*, s. l., s. d. [BPNM: 2-1-8-20]

Brognolo, Cândido

Franciscano italiano, padre-mestre de Bernardo Pereira. Autor do *Alexicacon hoc est de maleficiis, ac morbis Maleficis cognoscendis. Opus tam exorcitis, quam medicis, ac Theologis, Confessariis, Parochis, Inquisitoribus, ac in quacunq[ue] necessitate constitutis, utilissimum* (Veneza, 1668 e 1714) [BPNM: 2-73-15-12; 2-35-1-5 / 6 e 2-73-12-14 = 3 exemplares] Camilo Castelo Branco inspirou-se nesta obra para a redacção da cena de exorcismo de *A Brasileira de Prazins: Scenas do Minho* (cap. XIX e XX). Entre os remédios naturais arrola as plantas da terapêutica popular sortilégica e mágica, da arruda à salsa, do aipo ao alecrim, da artemisa à papoila, etc. Refere igualmente receitas naturais para malefícios demoníacos. Coligido, resumido, traduzido e substanciado com aditamentos de gravíssimos autores no *Brognolo recopilado e substanciado* (Lisboa, 1725 e 1753; Coimbra, 1727 e 1738) de Frei José de Jesus Maria.

Castrillo, Hernando (1586-1667)

Padre jesuíta espanhol.

**Historia y Magia Natural o Ciencia de filosofia oculta com nuevas noticias de los mas profundos mysterios y secretos del Universo visible, en que se trata de Animales, Pezes, Aves, Plantas, Flores y Ervas, Metales, Piedras, Aguas, Semillas, Parayso, Montes y Valles*, Madrid, 1723 [BPNM: 2-37-4-23 e 2-35-8-17 (2 exemplares)]

Casaubon, Isaac (1559-1614)

Protestante. Prova que os textos que compõem o *Corpus Hermeticum* datam dos primeiros séculos da era cristã. A demonstração, apesar de propositadamente ignorada por muitos autores, provocará o decréscimo do número de admiradores e exegetas do hermetismo alexandrino. Seria retomada por Dietrich Tiedemann (*Hermes Trismegisti Poemander*, Berlim, 1781) e Louis Ménard (*Hermès Trismègiste: traduction complète, précédée d' un étude sur l' origine des livres hermétiques*, Paris, 1866), entre outros.

**Epistolae, infertis ad eos responsionibus, quotquot hactenus [...]*, Roterdão, 1709 [BPNM: 2-51-16-2 (= Proibido por decreto de 26.10.1640)]

**De Rebus Sacris, et Ecclesiasticis exercitationes 16*, Génova, 1655 [BPNM: 2-68-4-16 (= Proibido por decreto de 12.12.1624)]

**Animadversionum in Atheneaei Deinosophistas libri 15*, Lyon, 1621 [BPNM: 1-20-12-14]

**Musaeum Philologicum et historicum*, Lugduni Batav., 1699 e s. l., 1700 [BPNM: 2-35-3-5; 2-22-1-10 = 2 exemplares]

Ciruelo, Pedro (1475-1560)

Inquisidor em Saragoça durante três décadas. Autor da primeira obra impressa em língua espanhola sobre bruxaria, o *Opus de Magica superstitione*, Alcalá, 1521 Editado em tradução castelhana (*Reprobación de las supersticiones y hechizarias*), em Salamanca, nos anos de 1539, 1547, 1556 e, novamente, em Barcelona, no de 1628. Obra clássica pela difusão que atingiu. Assevera que o sabat não passa de uma ilusão, no entanto tal ilusão resulta de um pacto, ainda que imaginário, com o diabo. Conclui que a bruxaria deve ser tida e tratada como heresia, embora formalmente o não seja. Anteriormente havia publicado *Apotelesmata astrologiae christianae* (Alcalá de Henares, 1521 [BPNM: 2-51-7-81 (sem frontispício)]), manual expurgado das vãs adivinhações que, na época, reivindicavam o direito de se pronunciar sobre as ciências prescindindo da tutela da teologia, no qual retoma a tradicional distinção entre astrologia lícita e ilícita tema já abordado em outras obras.

Constituições Sinodais

Por carta de 16 de Maio de 1774 (cf. *Jornal de Coimbra*, n. 58, p. 259), foram mandadas reformar pelo marquês de Pombal todas as *Constituições sinodais* em vigor à data, determinando-se o estabelecimento de outras, conformes aos “verdadeiros cânones e à disciplina eclesiástica em harmonia com as leis civis e costumes do reino”.

**Constituições synodales do Bispado de Leiria. Feytas e ordenadas em synodo pelo senhor D. Pedro de Castilho, Bispo de Leiria...* Coimbra, Manuel de Araújo, 1601 [BPNM: 1-10-4-17]

**Constituições Synodais do Arcebisado de Évora*, Madrid, 1622 [BPNM: 1-10-8-11]

**Constituições (primeiras) synodales do Bispado d'Elvas. Feitas e ordenadas pelo Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Sebastião de Mattos de Noronha, quinto Bispo d'Elvas, e do conselho de Sua Magestade*, Lisboa, Lourenço Craesbeeck, 1635 [BPNM: 1-10-8-10]

**Constituições Synodais do Bispado de Coimbra*, Coimbra, 16?? [BPNM: 2-17-14-2]

**Constituições Synodais do Bispado do Algarve*, Évora, 1674 [BPNM: 1-10-8-6]

**Constituições Synodais do Bispado de Lamego*, Lisboa, 1683 [BPNM: 2-17-14-1]

**Constituições Synodais do Bispado da Guarda*, Lisboa, 1686 [BPNM: 1-10-8-5]

**Constituições Synodais do Bispado do Porto*, Coimbra. 1690 [BPNM: 1-10-8-7]

**Constituições Synodales do Arcebispado de Braga* (1639), Lisboa, Miguel Deslandes, 1697 [BPNM: 1-10-8-9]

**Constituições Synodais do Arcebispado da Baía*, Lisboa, 1717-1718 [BPNM: 1-10-8-13]

**Constituições Synodais do Arcebispado de Lisboa*, Lisboa, 1737 [BPNM: 1-10-8-4]

**Constituições Synodais do Bispado de Viseu*, Lisboa, 1749 [BPNM: 1-10-8-12]

Bibliografia

DACIANO Bertino, *Usanças de outrora e seus vestígios nos nossos dias*, in *Portucale*, v. 15 (1942), p. 196-199 [práticas mágicas referidas pelas Constituições sinodais dos bispados do Porto e de Braga]; idem, *Legislação exprobatória e proibitiva de certas práticas resultantes de crenças populares*, in *Pedro Vitorino, In Memoriam*, Porto, 1945, p. 199-202 [legislação exprobatória relativa a feitiços e outras práticas mágicas extraídas dos Títulos III, IV e V das *Ordenações e Leys do Reino de Portugal confirmadas, e estabelecidas pelo Senhor D. João IV e agora impressas por mandado do Muyto Alto, Poderoso Rey D. Pedro II*]; MARTINS, Mário, *Constituições sinodais medievo-portuguesas*, in *Estudos de Literatura Medieval*, v. 1, Braga, 1956, p. 493-503; idem, *O teatro sagrado na legislação dos Sínodos medievo-portugueses*, *ibidem*, p. 505-518

Del Rio, Martinho (1551-1608)

Teólogo, ingressado na Companhia de Jesus, em 1580.

**Disquisitionum Magicarum libri sex quibus continetur accurata, curiosarum artium, et vanarum superstitionum confutatio [...]*, Lovaina, 1599-1600, Lyon, 1604 (2^a ed. latina) e 1612 [BPNM: 2-73-16-5] Dedicado ao Príncipe-bispo de Liège e considerado por alguns autores como o trabalho definitivo contra a magia.

Contou cerca de vinte edições, uma das quais em francês (trad. de André du Chesne):

**Les controverses et recherches magiques divisées en six livres, ausquels sont exactement et doctement confutées les sciences curieuses, les vanitez et superstitions de toute la Magie* (Paris, 1611). Crítico da magia ficiana e a cabala de Pico de Mirandola. Tenta estabelecer uma distinção entre as práticas mágicas e o ritual cristão, acusado pela propaganda protestante de recorrer a operações ocultas. Considera que os talismãs e amuletos cristãos não dependem do poder mágico de palavras ou figuras gravadas, mas tão-só de Deus. Nega qualquer poder à língua hebraica. Inclui a Demonomania de Bodin, entre as obras que tresandam a heresia e a diabolismo. Citado in *Ennoea*.

Eusebio Nieremberg, Juan
Jesuíta madrileno e professor de medicina.

**Curiosa Filosofia y Tesoro de maravillas de la Naturaleza*, Barcelona, 1644 [BPNM: 2-38-1-25]

**Historia naturae maxima peregrinae libris 16 distincta [...]*, Antuérpia, 1635 [BPNM: 1-20-12-9]

Eymeric, Nicolau (1320-1399)

Dominicano a partir de 1334 e Inquisidor Geral de Aragão desde 1356. Menendez Pelayo atribui-lhe um *Tractatus contra Alchymistas*, onde impugna as ideias transmutatórias (*La Ciencia Espanola*, v. 3, in *Obras Completas*, v. 60, Santander, 1954). Dominicano, nomeado inquisidor geral do Reino de Aragão, no ano de 1356. Seria banido por João de Aragão, em consequência do excesso de zelo demonstrado no desempenho das suas funções, tendo-se refugiado em Avinhão, junto de Bento XIII. Autor do mais célebre manual inquisitorial de todos os tempos, o *Directorium Inquisitorium*, Roma, 1578 [BPNM: 2-17-13-6 (= Proibido em todas as edições pela Lei de 2 Abril 1768, bem assim como seus comentários e glosas)]. Muito reeditado e aumentado a partir da edição príncipe, impressa em Barcelona, 1503. Constituiu a base do edifício da jurisprudência do Santo Ofício e a fonte essencial do *Manual* de Torquemada. Caído no esquecimento em finais do séc. XVI, seria recuperado graças à reedição do Abade Morellet, em 1762. Cf. *Le Manuel des Inquisiteurs à l'usage des Inquisitions d' Espagne et de Portugal: ou abregé de l'ouvrage intitulé Directorium Inquisitorium, composé vers 1385*, Lisboa, 1762 [BN: HG 28445 P; HG 31535 P].

**Directorium Inquisitorium*, Roma, 1578, 1585, 1587, 1597; Veneza, 1591 e 1607 [BPNM: 2-17-13-6; BN: R 3555 A e Veneza, 1607: SC 6724 A] (= Proibido em todas as edições pela Lei de 2 Abril 1768, bem assim como seus comentários e glosas).

No capítulo intitulado *Sinais para conhecer certos herejes* afirma: "Os magos nigromantes ou invocadores e sacrificadores dos espíritos (que são todos a mesma coisa) podem conhecer-se pelos sinais seguintes: têm a vista torta, por causa das visões, aparições e conversas com os espíritos maus; poem-se muitas vezes a adivinhar coisas futuras, mesmo aquelas que dependem só de Deus e às vezes da vontade dos homens. Todos eles se dedicam à astrologia e à alquimia. Por isso, se alguém for levado ao Inquisidor que pareça ser manifestamente nigromante ele é adivinho, astrólogo ou alquimista: e esse é o melhor sinal que o Inquisidor tem para conhecer a verdade. Com efeito, os adivinhos, o mais das vezes são, às claras e às ocultas, invocadores de espíritos, frequentemente astrólogos e, ainda mais, alquimistas" (trad. portuguesa: *O Manual dos Inquisidores*, Lisboa, 1972, p. 129-130).

Bibliografia

Le Manuel des Inquisiteurs à l'usage des Inquisitions d'Espagne et de Portugal: ou abrégé de l'ouvrage intitulé Directorium Inquisitorium, composé vers 1385, Lisboa, 1762 (?) [BN: HG 28445 P; HG 31535 P]

Estrada, Frei José Possidónio

Religioso trinitário, pregador e Mestre da sua Ordem. Organista no Convento do Carmo (1820-1823).

**Superstições descobertas, verdades declaradas e desenganos a toda a gente. Aparecem as superstições nas missas, altares privilegiados, indulgências, almas do purgatório, Stabat Mater, ladainhas, Porciuncula, Terra Sancta, esmolas às almas, beatos de irmandades, etc., etc. Tudo se prova pela Escripura, canones e padres, leis civis argumentos theologicos e philosophicos*, Lisboa, 1822 [BPNM: 1-10-7-1]

Condenado e proibido pelo arcebispo de Elvas, D. Frei Joaquim de Menezes e Ataíde (pastoral de 23 de Julho de 1823, Lisboa, António Rodrigues Galhardo, 1823) e com pena de excomunhão maior pelo cardeal Patriarca D. Carlos da Cunha (pastoral de 28 Janeiro 1824, in *Gazeta de Lisboa*, 25 Fevereiro). Reedições: Lisboa, 1822, 1833 (Nova Impressão Silviana); Rio de Janeiro, 1826. A partir da segunda edição apresenta "um tratado interessantissimo", intitulado: *Ajuste de contas com a corte de Roma: Quem deve pague; quem tirou reponha; quem furtou restitua; o caso não é para rir: a obra é séria* (42 p.). Para combater este livro publicou o Bispo de Angra do Heroísmo, D. Manuel Nicolau de Almeida, um outro intitulado *Cartas de um amigo a outro*]].

Feyjóo y Montenegro, Padre Benito Jeronimo (1676-1764)

Beneditino. A filosofia natural ensinada pelos padres do Oratório, apoiada pelas apologias de António Pereira de Figueiredo, abriu-lhe vastos auditórios em Portugal. No entanto, foi alvo de pertinentes contestações e refutações, como, por exemplo, as do dominicano Frei Bernardino de Santa Rosa ou do médico e hermetista coimbrão Anselmo Caetano de Abreu Gusmão Castelo Branco.

**Theatro Critico Universal* (1726-1729) Em oito tomos mais um suplemento (1741). Inclui ainda as *Cartas Eruditas* (1744-1760, em cinco tomos, a *Justa Repulsa* [...] e a *Ilustração Apologética*. Dedicar grande número de estudos às tradições e ao que considera superstições populares (astrologia, artes divinatórias, magia, saladores, duendes, espíritos familiares e outros seres sobrenaturais, pedra filosofal, animais fantásticos, etc). Foram extraordinárias em Portugal as repercussões da doutrina gassendista expendida nos tomos III (discurso VIII) e V (discurso XVII), no contexto da disputa entre antigos (peripatéticos ou aristotélicos, os Jesuítas) e modernos

(iatromecânicos ou atomistas, os Oratorianos) [BPNM: 2-25-6-2 / 14 e 19 / 20 = 15 tomos].

Bibliografia

LUCAS, A. Castillo de, *El Padre Feijóo y las tradiciones populares*, in *Rev. de Etnografía*, v. 5, t. 2, n. 10 (1965), p. 384-418; SANTOS, Joseph, *Indice alfabético de las cosas notables que contienen todas las obras del M. I. S. Dr. Fray Benito Jerónimo Feijóo y los dos tomos del P. Sarmiento*, Madrid, 1774

Lancré, Pierre de († 1630)

Conselheiro do Rei de França e magistrado em Bordéus, nomeado, em 1609, por Henrique IV, com o alquimista Jean d'Espagnet, comissário extraordinário dos feiticeiros da província basca do Labourd.

**Tableau de l'Inconstance des Mauvais Anges et démons, ou il est amplement traicté des sorciers et de la sorcellerie [...]*, Paris, 1612 [BPNM: 2-76-8-21]

Mamor, Pierre

Natural de Limoges, cônego em Saintes e professor de teologia em Poitiers.

**Flagellum Maleficorum*, in *Malleus Maleficarum*, v. 2, p. 131 [BPNM: 2-76-7-13] A edição príncipe desta obra, uma das primeiras sobre a bruxaria impressas, surgiu em Toulouse, entre 1485 e 1488, tendo sido suscitada pela bula de Inocêncio VIII, de 9 de Dezembro de 1484, e a pedido do arcebispo de Saintes, Louis de Rochechouart. Aconselha os juizes a assegurarem-se que as confissões das bruxas não são ilusórias, preconizando que os médicos inspecionem a saúde dos acusados, avaliem os seus sonhos e determinem se o seu cérebro se acha afectado e se a medicina pode vir em seu auxílio.

Mersenne, Marin

Também autor de: *Observationes* (1632), onde refuta a Kabbala cristã e o seu uso, condenando Fludd e Postel; *Quaestiones celeberrimae in Genesim* (Paris, 1623), onde realiza o mais severo ataque ao sistema filosófico de Robert Fludd

**Universae Geometriae, mixtae que Mathematicae synopsis*, Paris, 1644 [BPNM: 2-39-5-24]

**Cogitata Phisica Mathematica*, Paris, 1644 [BPNM: 2-39-5-23]

Nider, Johannes

Um dos chefes espirituais da cruzada contra os hussitas.

**Liber insignis de maleficiis, et eorum disceptationibus, singulari studio ex ipsius Formicario ad explicationem praesentis negotii selectus*, in *Malleus*

Malleficarum, v. 1, p. 305 [BPNM: 2-76-7-12] trata-se da quinta parte do *Formicarius* (Augsburgo, 1475), a segunda obra sobre feitiçaria a ser impressa depois do tratado de Afonso de Spina; foi redigida entre 1435 e 1437, durante o concílio de Basileia. Construído sob a forma de diálogo entre um teólogo e um céptico; não crê no voo das bruxas, no pacto demoníaco, nem na cópula diabólica, aceitando, em contrapartida, baseando-se na autoridade dos Padres da Igreja, a existência dos incubos e dos súcubos.

Noydens, Padre Benito Remigio

**Práctica de exorcistas y ministros de la Iglesia en que com mucha erudición, y singular claridade, se trata de la instrucción de los Exorcismos, para lanzar, y ahuyentar los demonios y curar espiritualmente todo género de maleficios y hechizos* (Barcelona, 1675).

Traduzida do castelhano pelo Padre Manuel Rodrigues Martins: *Pratica de Exorcistas e Ministros da Igreja, em que com muita erudição, e clareza se trata da Instrução dos Exorcistas, e Exorcismos para lançar, e affugentar os demonios, e curar espiritualmente todo o genero de maleficio, e feytiços*, Coimbra, 1694 [BConvArrábida: cat., n. 762, p. 211] e 1718 [BPNM: 2-72-2-6] e Porto, 1753

Pacheco, Frei João

**Divertimento Erudito*, Lisboa, 1734, 1738, 1741 e 1744 [BPNM: 2-25-11-1 / 4 (= 4 exemplares)] No Liv. III, p. 667-668 (bruxas) e 671-672 (saludadores e amentadores).

Pereira, Bernardo de Brito (?-1748)

Bacharel em Medicina, Doutor em Direito Civil pela Universidade de Coimbra e médico no Sardoal.

**Anacephaleosis Medico-Theologica, Magica, Juridica, Moral e Politica na qual em recopiladas Dissertações; e Divizões, se mostra a infalivel certeza de haver qualidades maléficas, se apontão os sinaes por onde possão conhecerse; e se descreve a cura assim em geral, como em particular, de que se devem valer nos achaques procedidos das ditas qualidades maleficas, e Demoniacas, chamadas vulgarmente feitiços. Obra necessaria para os Medicos, e muito precisa para os Exorcistas, pellas advertencias, que incluye para obviar os inumeraveis absurdos, que se commetem tanto na applicação dos remedios magicos, e naturaes, como na dos Divinos, e Ecclesiasticos, especialmente nos Exorcismos. Que se mostra não devem, nem podem prohibirse absolutamente pellos Ordinarios, antes tem estes obrigação de mandar Exorcizar [...]* (Coimbra: por Francisco de Oliveira, 1734) [BN: SA 2645 A; BPNM: 1-18-10-20] Cita frequentemente Martinho del Rio e Cândido Brognolo e os seus remédios naturais contra achaques orgânicos ou psíquicos de alegada ordem demoníaca. Crê em feitiços e nos

feiticeiros. Aponta os sinais ou sintomas do feitiço, bem como o diagnóstico diferenciado entre achaques naturais e sobrenaturais. Para a cura dos ditos prescreve três tipos de remédios: naturais (vomitórios, purgantes, sangrias, sanguessugas, revulsivos, azeviche, coral, pedras preciosas, ervas), divinos (certas palavras e nomes, orações, medalhas, cruzeiros, relíquias, exorcismos, etc.) e supersticiosos, ou mágicos (nóminas, ensalmos, amuletos, etc.). Admite que os feiticeiros podem desfazer os feitiços que fazem, mas reprova que se consultem, por constituir pecado. Além da medicina sortilégica popular, esta obra refere, além do quebranto, a quiromância, a hidromância, a piromância, a vedoria, etc., que classifica (tal como Brás de Abreu) como artes mágicas diabólicas. Reimpresso em 1740.

Remy, Nicolas († 1600)

Conselheiro de Carlos II, duque de Lorraine e procurador geral de Henrique II. Morreu num auto de fé em Nancy, no ano de 1600.

**Daemonolatriae libri tres. Ex judiciis capitalibus nongentorum plus minus hominum, qui sortilegii crimen intra annos quindecim in Lotharingia capite luerunt*, Lyon, Oficina de Vicente, 1595 [BPNM: 2-77-4-23] Obra saudada como a mais importante enciclopédia católica, após o *Malleus Maleficarum*. Diversas vezes reimpressa. Descreve os suplícios infligidos pelos inquisidores aos acusados de idolatria.

Sprenger, Jakob / Kramer, Heinrich

Dominicanos e inquisidores germânicos, compiladores do primeiro manual a decodificar os métodos da nigromância e aquele que maior influência teve sobre a jurisprudência aplicável aos crimes de bruxaria e de feitiçaria.

**Malleus Maleficarum maleficas et earum haeresium framea continens ex variis Auctoribus compilatus*, Lyon, Claude Bourgeat, 1669, 2 vols. [BPNM: 2-76-7-12 / 13; BN: Inc. 575 e 567; BPMP: Inc. 110 = 1494] O segundo volume intitula-se *Daemonastix seu adversus Daemones et Maleficos Universi Operis ad usum Praesertim Exorcistarum Concinnati*. O antecedente imediato desta antologia foi a Bula *Summis desiderantes affectibus* (1484). A 1ª edição deste *Martelo dos Malévolos* saíu impressa em 1486, contando cerca de trinta reedições até 1520. No exergue o mote: “A pior das heresias consiste em não acreditar na bruxaria”. Cristaliza inúmeras lendas e folclore sobre a magia negra e sobre os feiticeiros, no pressuposto de que a heresia de que se fazem representantes é condenada pela Bíblia e a incredulidade é pecaminosa. Trad. inglesa (Nova Iorque, 1971).